



À minha mãe







Io sono nata
troppo sensibile troppo
fatta ma troppo fragile.

**"Eu nasci muito sensível, muito altiva mas, muito frágil."
De uma carta inédita de Maria Callas, escrita a bordo do Christina, 12 de junho de 1963.**





Sumário

| | |
|---|-----|
| <i>Prólogo</i> | 11 |
| Uma janela para o mundo | 19 |
| Três mestres excepcionais | 29 |
| Um lençinho de renda | 36 |
| Bem-vinda à Grécia | 42 |
| Cinco dracmas e um prato de sopa | 51 |
| A mais bela das criaturas | 62 |
| Uma virgem na caserna | 72 |
| À conquista da América | 79 |
| Objetivo: Metropolitan | 84 |
| O trunfo Bagarozzy | 93 |
| “Prazer, comendador Meneghini, eu sou Maria Callas” | 105 |
| Giuseppina, a primeira inimiga | 118 |
| Enfim, marido e mulher | 127 |
| <i>“Accetta il dono”</i> | 133 |
| O Scala aos seus pés | 142 |
| No mito, como Audrey | 147 |
| À conquista do Metropolitan | 156 |
| Elsa, meu amor | 160 |



| | |
|---|-----|
| Tudo por culpa de um grego | 167 |
| A primeira crise | 175 |
| 473 rosas vermelhas de amor | 178 |
| A tragédia bate à porta | 183 |
| No <i>Christina</i> | 186 |
| Titta, adeus | 205 |
| O primeiro Natal com Omerino | 209 |
| A rejeição | 214 |
| Omero, e depois a escuridão | 217 |
| O último adeus | 219 |
| Projeto Kennedy | 221 |
| Marilyn e Maria: o encontro de duas almas | 226 |
| Jackie, bem-vinda a bordo | 229 |
| A viúva | 234 |
| Bodas à vista | 236 |
| Um casamento amaldiçoado | 241 |
| De novo com Ari | 245 |
| A vingança de Medeia | 250 |
| Uma pré-estreia para recomeçar | 254 |
| Alguém retorna do passado | 257 |
| Os últimos instantes de felicidade | 263 |
| O voo de Alexandre | 268 |
| O início do fim | 274 |
| Cinquenta anos de amor | 279 |
| Crônica de uma morte anunciada | 282 |
| O rei de Skorprios | 283 |
| A vida se vai | 287 |
| Juntos por toda a eternidade | 295 |
| <i>Epílogo</i> | 299 |



Prólogo

Milão, segunda-feira, 5 de setembro de 1977

Senza mamma, o bimbo, tu sei morto...*

GIACOMO PUCCINI, *Sóror Angélica*

Luigi estava nervoso. Eram 11h05 e “La Signora” ainda não tinha chegado. Aquela cena se repetia a cada primeira segunda-feira do mês. Havia 17 anos. Era o seu pequeno, grande segredo. Uma vida honesta, a sua: ao longo de quarenta anos, para todo mundo ele era só “o Ginetto”, o velho vigia do cemitério de Bruzzano, na periferia norte de Milão. Ginetto não temia os mortos. Gostava de caminhar pelas vielas de cascalho entre os túmulos, falando com eles em voz alta. Trabalhava até depois do anoitecer, para ajeitar flores e acender velas, murmurando com convicção que no mundo “só se deve ter medo dos vivos”. Todos o consideravam doido, mas, para ele, assim estava bom: no fundo, sua vida, afora duas ou três escapadelas com alguma viúva audaciosa, nunca sofrera grandes abalos. Passar

*“Sem mamãe, oh filhinho, você morreu...”, ária da ópera em um só ato *Sóror Angélica*. (N. da T.)



por esquisitão até lhe era cômodo. Sobretudo depois daquele dia. O dia em que um grande segredo começara a fazer parte da sua vida. “São 11h30 e ela ainda não apareceu. Nunca chegou atrasada. É muito estranho”, resmungava de si para si.

Ainda recordava como se fosse ontem aquela manhã de 17 anos antes. Era uma segunda-feira. A primeira segunda-feira de maio. O frio continuava, o céu não prometia nada de bom. E ele se mantinha grudado ao pequeno aquecedor de sua guarita, lendo o jornal. Como em todas as manhãs de segunda-feira, não tinha nada para fazer: o cemitério estava fechado ao público. Já ia quase adormecendo, pedindo ao bom Deus que não mandasse chuva. Teria de renovar todos os vasos de flores dos túmulos, já que os rapazes da manutenção estavam derrubados pela gripe. A perspectiva não o alegrava. De repente, o rumor de um automóvel, daqueles potentes. Ginetto não acreditava nos próprios olhos. Diante do portão havia uma berlina, daquelas que se viam somente nas festas dos mortos no Monumentale, o cemitério dos ricos: azul, com cortininhas cinza para proteger a privacidade dos “patrões”, brilhante como nova. Ele jamais tinha visto algo semelhante em toda a sua vida.

— O senhor é o vigia? — Um homem alto, magro, num elegante terno cinzento interrompeu de repente seus pensamentos.

— Agora está tudo fechado aqui. Voltem depois, à tarde —, respondeu Ginetto, aborrecido com aquela intrusão que quebrava a monotonia do seu início de semana.

— Sabemos disso. Mas “La Signora” precisa visitar o cemitério de qualquer jeito. Isto aqui é pelo incômodo — disse o motorista sem se alterar, metendo-lhe rapidamente um envelope nas mãos e olhando ao redor com ar circunspecto, por medo de que algum olhar indiscreto pudesse assistir à cena.





Ginetto abriu às pressas o envelope: havia 500 mil liras, em espécie. Uma enormidade. Jamais tinha visto tanto dinheiro de uma vez só. Com as gorjetas, algum regateio sobre o preço das velas e o salário da prefeitura, a muito custo conseguia juntar 180 mil liras no fim do mês. Aquele homem lhe oferecia o salário de três meses. E ele não teria sequer de pagar imposto. Estava ali contando, ainda incrédulo com toda aquela dádiva de Deus, quando o anônimo motorista o interrompeu de novo.

— E então? Vai nos deixar entrar? Se souber manter este segredo, o senhor nos verá chegar às 11 horas da manhã de toda primeira segunda-feira do mês. Nós lhe garantimos esta renda, em troca da mais absoluta reserva. Nenhum comentário. Com ninguém. Aceita?

Ginetto fez um rápido cálculo: aquela seria a grande virada em sua vida. O 13 da loteria esportiva, com o qual sempre sonhara. Não era honesto? Bem, no fundo não estava roubando nada de ninguém. Fazia apenas uma gentileza a uma “Signora” desconhecida. Sem pensar duas vezes, abriu o pesado portão do cemitério.

— Vou acompanhá-los. Aonde querem ir? Aqui é como se fosse a minha casa — ofereceu-se.

— Não se preocupe. “La Signora” sabe o caminho.

Gostaria de agradecer a essa “Signora”. Mas uma cortininha cinzenta a escondia do resto do mundo. E assim vinha sendo, havia 17 anos. Todos os meses. Pontual como um relógio suíço, a berlina azul chegava às 11 horas. A janelinha descia automaticamente, a mão do motorista estendia o envelope, Ginetto o metia furtivo no macacão, sentindo-se um ladrão, mas só por alguns segundos, e meia hora depois, quando o automóvel ar-



rancava às pressas, deixando para trás um rastro de poeira, voltava a fechar o bendito portão.

As cortininhas cinza nunca haviam sido afastadas, nem uma só vez. Ele daria a vida para saber quem se escondia naquele carro. Mas o pacto fora claro. Sem perguntas. Nenhuma curiosidade. E, até então, valera a pena. Em poucos anos, conseguira fazer um discreto pé de meia. Ninguém sabia do seu segredo, nem sequer a esposa Stefania e os três filhos. O dinheiro estava escondido numa pequena filial do Banco de Lugano, à qual ele comparecia todo mês, dizendo a Stefania que ia à Suíça para comprar dados e chocolate. E quando a dor nos ossos se tornasse insuportável, iria se despedir de todo mundo e voar para o Caribe, como faziam Mike Bongiorno e as gêmeas Kessler. Tinha lido isso na revista *Gente*.

“São quase 11h30. O que terá acontecido?”, pensou Ginetto, começando a se preocupar seriamente. Em tantos anos, “La Signora” nunca havia faltado ao compromisso.

Era um belo dia de setembro, quente, luminoso. O céu límpido e uma leve brisa tornavam até agradável a perspectiva dos ciprestes. “Este cemitério é mesmo um paraíso...”, refletia ele.

Depois, de repente, o ruído da berlina. Ginetto deu um suspiro de alívio. Também naquele mês, sua renda estava garantida.

— Desculpe o atraso, Luigi. “La Signora” está mortificada. Isto não vai se repetir — disse o motorista, estendendo o envelope para fora da janela.

“Não vai se repetir... Não vai se repetir... Não vai se repetir...”. Essas palavras tinham se insinuado como um martelo nos pensamentos de Maria. Dentro de seu cérebro, maltratado por intermináveis noites insones, soavam como um terrível preságio. “Não vai se repetir...”



— Chegamos, “Signora” — disse Ferruccio, abrindo a porta do veículo.

Nessa manhã, Maria estava elegantíssima: como sempre, para aquele compromisso. Uma blusa de seda creme de Hermès com estampa em caxemira, uma pantalonada marrom e uma levíssima echarpe de caxemira para proteger a garganta. Ainda que não existisse mais nada a proteger, porque sua voz tinha sumido havia algum tempo.

— Espere por mim aqui, Ferruccio.

Enquanto subia lentamente a escada do escuro columbário, bem agarrada ao corrimão, com medo de cair por causa de suas tonturas repentinas, Maria se perguntava o que diria o mundo, se soubesse. Se soubesse que ela, a divina, a incensada Maria Callas, naquela manhã anônima de setembro, se encontrava num cemitério na periferia de Milão. Estava cansada de se fazer perguntas. Cansada de se perguntar o que o mundo pensava dela. No fundo, só se sentia bem ali dentro. No meio daquelas intermináveis fileiras de nichos, no meio daqueles rostos anônimos, que a fitavam sem expressão, sem querer indagar a seu respeito. Somente os mortos não pesavam sobre sua alma.

— Aqui estou, meu amorzinho. Mais uma vez juntos, Omerino.* Nós dois sozinhos e lá fora o mundo, como canta a Butterfly ao seu Pinkerton.

Maria chorava, como todas as vezes. Deixava as lágrimas correrem ao longo de suas faces escavadas pela solidão. Por trás daquela pequena foto de um recém-nascido morto, por trás daquele nome, Omero, gravado no mármore em letras de ouro, escondia-se um pedaço da sua vida. Um segredo. Seu filho.

*“Homerinho”, diminutivo de Homero. (*N. da T.*)





Sim, aquele filho que ela fora obrigada a esconder aos olhos do mundo; aquele filho que mandara sepultar às escondidas num subúrbio remoto de Milão, como se devesse envergonhar-se dele. Aquele filho que ela não pudera abraçar sequer uma vez por causa da crueldade do pai, Aristóteles Onassis. O homem a quem amara perdidamente, o homem que a fizera esquecer que era A Callas. Enquanto desempoeirava a lápide com o lencinho de renda do qual nunca se separava, Maria repetia como um canto fúnebre o seu acalanto: “*Se solo fossi qui ad abbracciare la tua mamma. La tua mamma così sola... Ah, dimmi quando potrò vederti in cielo*”.* Havia cantado muitas vezes essa romança da *Sóror Angélica* de Puccini, e a cada vez a respiração lhe travava a garganta. Somente naquele longo corredor do cemitério de Bruzzano, centenas de pequenos nichos, de rostos sem alma, tinham o privilégio de escutar sua voz. Estendida em toda a sua potência, exatamente como outrora. Somente Omero podia fazer aquele milagre. Somente diante da lápide daquele montinho de ossos Maria voltava a ser A Callas, a mãe, a mulher.

O som da buzina trouxe-a bruscamente à realidade. E a ferida se reabriu. Mais uma vez aquele som, que ecoava no longo columbário, iria separá-la de Omero, o único amor verdadeiro da sua vida. De repente a cantilena ressurgiu e lhe martelou o cérebro: “Isto não vai se repetir... Não vai se repetir... Não vai se repetir...”. De repente aqueles rostos emoldurados dos mortos ganhavam vida. Também Omero abria repentinamente os olhos, e em sua mirada não havia amor. Havia apenas a reprovação pelo

*“Se pelo menos estivesses aqui para abraçar tua mamãe. Tua mamãe tão sozinha... Ah, diz-me quando poderei ver-te no céu.” (*N. da T.*)





abandono. Maria já não podia suportar tudo aquilo. E, como sempre lhe acontecia na primeira segunda-feira do mês, correu gritando toda a sua loucura, e seus gritos ribombaram tremendos naquele longo corredor de mudas presenças. Queria apenas ir embora dali o mais depressa possível. Queria apenas fechar o mundo atrás de si.

Ao abrigar-se em sua berlina, gritou histérica: “Ferruccio, vamos a Paris. A Paris!”, enquanto metia na boca três ou quatro comprimidos de sonífero, com seus longos dedos afuselados e trêmulos. Começou a respirar profundamente. Aos poucos se acalmaria, tudo desapareceria. O torpor se apossaria do seu corpo. Gotas de suor gelado perolavam sua testa. Maria tirou da bolsa o lençinho de renda com o qual, minutos antes, acariciara o rosto do seu pequeno Omero. Enxugou-se. Subitamente, foi invadida por aquele perfume inconfundível. Naquele lençinho de renda, sua governanta, a fiel Bruna, costumava pingar todas as manhãs umas gotas de Roger&Gallet. Bastou esse perfume, de que Maria tanto gostava, para lhe dar um pouco de tranquilidade. Fechou os olhos e deixou que sua mente vagueasse. Dentro em pouco, também iria embora para sempre aquela última, debilíssima voz, que se esforçava por sair do seu cérebro enfermo: “Não vai se repetir... Não vai se repetir... Não vai se repetir...”